



**Sua majestade, o boi!
Invasões de fazendeiros
impactos sócio-ambientais
em terras Xukuru (Pesqueira – PE)**

Edson Silva¹

¹ Doutor em História Social pela UNICAMP. Leciona História no Centro de Educação/
Col. de Aplicação - UFPE. E-mail: edson.edsilva@gmail.com

RESUMO

Situada no Agreste Pernambucano, a Serra do Ororubá considerada uma brejo de altitude, uma região de transição entre a zona litorânea úmida e o sertão seco, historicamente vem sendo espaço de conflitos entre moradores índios agricultores de subsistência e latifundiários invasores nas terras de um antigo aldeamento. Nas memórias orais indígenas Xukuru, como também em diversas outras fontes documentais, aparecem referências às condições ambientais bem como as mudanças nas condições de vida dos índios e os conflitos provocados pelas invasões, formas de ocupação e uso das terras por senhores de engenho, fazendeiros e empreendimentos agro-industriais naquela localidade.

Palavras-chave: ambiente; índios; conflitos.

ABSTRACT

Located in Agreste Pernambuco, Sierra Ororubá considered one a region of transition between the coastal zone sertão dry and wet, historically has been area of conflict between indigenous residents of subsistence farmers and landowners invading the land of a former resort. In Xukuru indigenous oral memories, but also in several other documentary sources, appear references to environmental conditions and changes in the conditions of life of Indians and conflicts caused by the invasions, forms of occupation and use of land for lords of ingenuity, farmers and rural industries ventures in that locality.

Keyword: environment; Indians; conflicts.

TINHA MUITAS MATAS

Nas memórias orais dos índios Xukuru do Ororubá encontramos relatos da época anterior às invasões dos fazendeiros nas terras do antigo aldeamento de Cimbres. Nascida em Brejinho e atualmente moradora na vizinha Aldeia Cana Brava, ‘Dona’ Lica lembrou ter ouvido sua mãe falar que o local onde nasceu, sem a presença ostensiva de fazendeiros, possuía muita água e matas, com uma fartura de fruteiras. Ela e mais ainda seus antepassados viviam do que coletavam da Natureza:

Quando eu tinha oito anos eu ouvia minha mãe falar, que há 50 anos atrás era um tempo bom. Não era um tempo difícil. Tinha muita mangueira, muita bananeira, tinha muita caça, tinha muita água, tinha muitas matas. Não tinha essa história de capim. Não tinha essa história de fazendeiro. Que os índios no tempo dos meus bisavôs, dos meus avós, não tinha fazendeiro dentro da área de jeito nenhum. Aqueles índios, a comida era rolinha, calango, o café era guandu.²

O Pajé Xukuru ‘Seu’ Zequinha, que também nasceu e morou muitos anos em Cana Brava, recordou que os moradores daquele lugar viviam da agricultura e da coleta de espécies nativas:

Só existia o que plantasse. Uma mandioquinha, uma macaxeira, uma batata, um guandu, um pé de fava, um pé de cabunço, que era a comida dos índios era isso. Eu pequeno, não tinha outra coisa não. Um pé de banana, para botar o cacho de banana para comer dentro da fava cozinhada. E tinha o quê? Ou se não beiju! Pai arrancava a mandioca, ralava, espremia e fazia o beiju, para comer com... É o que sei contar é isso.³

A Serra do Ororubá, onde foi fundado o Aldeamento de Cimbres, faz parte do complexo da conhecida Serra da Borborema, que se estende pela região do Agreste,

² Maria Alves de Araújo, ‘Dona Lica’, 52 anos, Aldeia Cana Brava, Serra do Ororubá, Pesqueira/PE, em 15/12/05.

³ Pedro Rodrigues Bispo, ‘Seu’ Zequinha, Pajé Xukuru, 72 anos. Em Pesqueira/PE 29/03/2002.

desde o Ceará até Pernambuco. Estudos apontam que uma derivação da Borborema se inicia exatamente em Pesqueira, espalhando-se por regiões vizinhas. O Agreste é uma região intermediária entre o litoral úmido e o sertão seco. A sobrevivência humana nessa região está intimamente relacionada a alguns poucos rios perenes que nascem nas serras e correm em direção ao litoral, e aos chamados brejos de altitudes, espaços de clima ameno, onde uma elevada densidade populacional coexiste com as atividades agrícolas e a pecuária. A região montanhosa favoreceu a formação desses brejos que se constituem em espaços sub-úmidos, como manchas ou bolsões diante da aridez acentuada do clima predominante. Nas cercanias do Vale do Ipojuca estão localizados os brejos de São José e Ororubá, ambos situados na Serra do Ororubá. (SOBRINHO, 2005, p.163-164).

Os brejos representam pequenas faixas isoladas de transição entre a Zona da Mata úmida canavieira, possuem solos profundos, matas de serras e cursos d'água permanentes, favorecendo a policultura tradicional, como a lavoura do feijão, mandioca, café, cana-de-açúcar, a horticultura e a fruticultura, com cultivo de banana, pinha, goiaba, caju, laranja, dentre outras (MELO, 1980, p.176). Durante muito tempo, a produção de frutas e hortaliças dos brejos abasteceu não somente as feiras das cidades próximas, como também as situadas em bairros do Recife.

Diversos autores evidenciaram as riquezas naturais e a fertilidade das terras na Serra do Ororubá. No verbete Cimbres, encontrado no *Dicionário Topográfico, Estatístico e Histórico da Província de Pernambuco*, publicado em 1863, o autor ressaltou a riqueza natural daquela localidade, quando escreveu: 'Não obstante a pobreza da aldeia, o termo é um dos mais ricos e de maior importância no Sertão pela riqueza natural e produtiva' (HONORATO, 1976, p.38).

No *Diccionario Chorographico, Histórico e Estatístico de Pernambuco*, publicado em 1908, encontra-se destacada a produção agrícola naquele lugar, com as colheitas de milho, feijão, mandioca, algodão, fumo, cana-de-açúcar e batatas. Além de frutas, como ananases, laranjas, cajus, goiabas, bananas e pinha. O autor frisou que essa produção advinha da Serra, pois: 'Geralmente fraca no município, a agricultura, é futura na Serra do Ororubá pela uberdade de que oferece'. (GALVÃO, 1908, p.181). Em outro trecho, o autor afirmou que, além

da abundância da criação de gado, cavalos, ovelhas e cabras, existiam animais silvestres na região, como veados, caititus, onças de diversas espécies, raposas, gatos maracajás, tatus, tamanduás, coelhos, mocós, preás, guarás, furões, maritacas, tejus, juntamente com aves de diversas espécies e portes. A fora o cedro, o autor citou outras árvores nativas e seus usos medicinais:

A aroeira (muito usada no cozimento do entre casca para dores de garganta), o bom nome (com o uso específico das moléstias das vias respiratórias), o jucá ou pau-ferro, o assafraz, guáiacó, cabeça de negro, gitó, parreira brava, japecanga (succedaneo da salsaparrilha), o ingazeiro, jaboticabeira, o imbuzeiro, a catinga de porco (de cujas folhas se faz travesseiros sobre os quais se deitando os doentes de dores de cabeça e tonteiras, dizem cessar o incômodo), o mulungu, o cardeiro (mandacaru), o marmeleiro, o velame o barbatenão, etc. (GALVÃO, 1908, p.181).

O conhecimento do uso dessas plantas medicinais evidencia a sua tradicional utilização pelos indígenas. O autor destacou ainda que se colhiam cereais para abastecer as feiras da região. Plantava-se a cana-de-açúcar e existiam ‘algumas engenhocas de rapadura’. E enfatizou ainda a fertilidade das terras do antigo aldeamento, quando escreveu: ‘O terreno é muito produtivo, principalmente na Serra de Ororubá’. Diversos artigos eram produzidos pelos índios: ‘A fabricação de redes e sacos de algodão, de esteiras, chapéus de palha e vassouras, de cachimbos de barro, feitos pelos índios habitantes da serra de Ororubá’. (GALVÃO, 1908, p.182)

POR TODO O CANTO ERA GADO

No Agreste, um ambiente de clima predominante seco e com falta de chuvas, as disputas pelas regiões úmidas e pelas fontes de água eram intensas. Daí os conflitos envolvendo os fazendeiros invasores nas terras do antigo aldeamento de Cimbres e seus primeiros moradores, os índios, uma vez que:

Todos esses extensos espaços variavelmente semi-áridos condicionam como forma de uso da terra, a existência de uma pecuária dominante leiteira, ao lado da mesma, a existência de atividades de lavoura predominantemente de curto ciclo vegetativo, bem adaptadas, portanto, a um regime pluviométrico de chuvas concentradas e longo período seco (MELO, 1980, p.182).

A expansão pastoril foi cada vez mais acentuada, restringindo assim as lavouras de subsistência. E os brejos das serras foram sendo usados como refrigério para o gado, em períodos de longas estiagens:

As serras, muito úmidas no inverno, não se prestam à pecuária e são aproveitadas por agricultores que cultivam cereais, plantas do ciclo vegetativo curto. Na estação seca, após a colheita do feijão, do milho e do algodão, o gado é levado para a serra, para o brejo, onde se mantém com este alimento suplementar à espera de que, com as primeiras chuvas, a caatinga reverdeça. São famosas por servirem de refrigério ao gado certas serras, como as de Jacarará, da Moça e de Ororobá, em Pernambuco. (ANDRADE, 1980, p.157).

Por outro lado, o plantio do capim para a pecuária, em áreas de caatinga ou nas cercanias das matas de serra, provoca a erosão do solo já tão pobre. A apropriação das terras, pelos fazendeiros criadores de gado, e o cultivo de pastagens representaram um novo ciclo de relações sociais na região. Ao índio pequeno agricultor cabia utilizar as terras agora consideradas alheias, porque em mãos dos fazendeiros, em regime de cessão de glebas para cultivo e moradia. Em troca, o agricultor plantava o capim destinado ao gado, que era alimentado também de restolhos da lavoura do morador.

Com a lucrativa expansão da pecuária, mesmo as fazendas de algodão e os cafezais erradicaram seus plantios:

Para o proprietário, a partir de quando se tornou desinteressante ceder terras em parceria ou em arrendamento para pequenas lavouras, o que passou a interessar foi, sobretudo, o retorno das glebas cedidas

cobertas com restos de culturas, para seus animais, ou com pastos plantados. (ANDRADE, 1980, p.214).

Restava ao pequeno agricultor na Serra do Ororubá pequenas parcelas de terras, os chamados sítios, insuficientes para a sua subsistência e da sua família.

Já em 1885 um abaixo-assinado contendo 192 assinaturas de índios da extinta Aldeia de Cimbres, foi enviado ao Presidente da Província de Pernambuco. Apelavam os signatários para o senso de justiça da autoridade provincial, pedindo providências contra perseguições. Eles que se ocupavam exclusivamente do trabalho da agricultura para se manter, denunciavam as invasões das terras públicas, onde eles se encontravam. Um fazendeiro fugindo da seca na Paraíba, ocupara uma das áreas mais férteis na Serra do Ororubá, com seu gado destruindo as roças dos indígenas que, por serem pobres, estavam sendo explorados e não eram ouvidos em suas queixas, pelas autoridades policiais.

Indivíduos sem título algum, entre eles, José Alexandre Correa de Mello, que vindo dos lados do cariri pela seca, apossou-se de um dos melhores sítios do extinto aldeamento, e ali tem fundado, por assim dizer, uma fazenda de gado, que cotidianamente destrói as lavouras dos suplicantes, que recorrendo à proteção legal, recorrendo às autoridade policiais não são atendidos, porque são desvalidos, são índios miseráveis, e como tais sujeitos a trabalharem como escravos para os ricos e poderosos!

Índios Xukuru entrevistados, em diferentes localidades na Serra do Ororubá, confirmaram a falta de terras para a sobrevivência. Como ‘Seu’ Cassiano, nascido e vivendo na Aldeia Cana Brava, que afirmou: ‘Aqui todo mundo era dono de pequenos pedaços de terras, cercado de fazendeiros. Tinha gado e sítio. No Sítio do Meio era terra de gado, por todo o canto era gado!’⁴ Ainda em Cana Brava, outro entrevistado, cujos pais nasceram e viveram naquela localidade, falou da falta e das dificuldades do acesso à terra para o trabalho, devido à exploração e pressão dos fazendeiros:

⁴ Cassiano Dias de Souza, 75 anos. Aldeia Cana Brava, Serra do Ororubá, Pesqueira/PE, em 13/12/05.

A dificuldade era grande. Desde o meu tempo, eu caí no trabalho da agricultura com dez anos de idade! Porque o ramo dos meus pais, dos meus avós, tudo era trabalhar na agricultura. Mas não existia terra para trabalhar! Não existia terra para trabalho. Nós trabalhava arrendado com fazendeiro. Você botava meio hectare de terra ou um hectare. Fazia a broca, fazia a terra, plantava. Quando a lavoura, quando nós plantava que nascia, o fazendeiro já danava capim dentro! Nós trabalhava arrendado! Porque ali não desfrutava nada! Quando tava começando a desfrutar, ele já botava o gado dentro! Pronto, acabava com tudo, nós ficava sem nada.⁵

Em Brejinho, a situação era semelhante. Ao ser perguntado se seus pais tinham terras para trabalho, ‘Seu’ Malaquias afirmou que trabalhavam somente em terras nas mãos dos fazendeiros:

Terra tinha na fazenda. Própria não. Tinha a moradia. Plantavam um ano ali num lugar cercado, plantava milho, feijão, plantava o que quisesse esse ano, e outro ano, mudava lá outro cercado. Agora nesse ano trabalhava aqui plantava capim e aqui não trabalhava mais, aí mudava para outro, botava os roçados, botava o capim, mudava para outro.⁶

A opção para os índios sem terras era o chamado trabalho alugado. Aumentava também a pressão dos fazendeiros sobre aqueles que possuíam pequenos pedaços de terras, arrendando-as, comprando-as, tomando-as a força. O que provocou a dispersão de famílias indígenas:

E pagava a renda com a planta do capim ou da palma. Era. E o índio tinha que fazer aquilo mesmo. E eles aqueles, os índios que tinham um pedacinho de terra, ai foram apertando, os fazendeiros foram apertando, foram apertando e eles tudo de boca aberta, nem davam o roçado, nem arrendava e nem nada. Eu compro seu pedacinho de terra

⁵ Juvêncio Balbino da Silva, 76 anos. Cana Brava, Serra do Ororubá, Pesqueira/PE, em 15/12/2005.

⁶ Malaquias Figueira Ramos, 62 anos. Aldeia Caipe, Serra do Ororubá, Pesqueira/PE, em 17/11/2005.

e eles besta comprava, vendia ou vendia. Vou sair daqui que doutor fulano vai tomar conta disso aqui e depois pode dele não querer pagar e nós perde, vendiam. Vendiam e iam pra rua e outros ia s'imbora pelo mundo, por aí afora, vivia por esses cantos.⁷

O Pajé Xukuru, 'Seu' Zequinha, recordou que a falta de terras obrigava os índios trabalharem para os fazendeiros. Ele próprio trabalhou nessas condições. Quando era de seus interesses, os fazendeiros cediam terras para trabalho em regime de pagamento com a maior parte da produção, colhida às pressas. Uma pressão crescente até a expulsão dos pequenos proprietários:

Quem ficou com uns pedacinhos, ainda trabalhava naqueles pedacinhos deles e quem não tinha, tinha que trabalhar a roubo. O pessoal, o fazendeiro abria campina, andava aquele roçado. Eu mesmo trabalhei muito nas propriedades do povo, dos fazendeiros. Eu pagava um saco de milho por quadra, pagava. O pagamento era um saco de milho e a prestação ficava. Fechava pra estação e a fava que a gente ficava, ele não deixava nem amadurecer direito, o camarada apanhava verde mesmo, aí que nós vivia assim, mas teve uma época, que não teve nada. Os fazendeiros tomaram conta.⁸

Ele ressaltou que os despossuídos de terras eram os mais oprimidos pelos fazendeiros, que soltavam o gado no plantio, antes do término da colheita:

Esses é que sofriam demais! Onde trabalhar? Só era do fazendeiro fazer deles o que queria. Dava um pedacinho de terra deste tamanho assim para trabalhar, não deixava a fava criar nem caroço, nem secar, apanhava verde, o milho quebrava verde, ainda o leite correndo pro gado não comer. 'Vou botar o gado!'. Muitos já quebrava com o gado dentro! O fazendeiro botava, cada vez mais apertava a dobradiça.

⁷ Gercino Balbino da Silva, 80 anos. Aldeia Pedra D'Água, Serra do Ororubá, Pesqueira/PE, em 11/08/2004.

⁸ Pedro Rodrigues Bispo, 'Seu' Zequinha, op. cit.

As lembranças das relações de trabalho na condição de moradores, nas terras por anos em mãos dos fazendeiros, também foram relatadas ainda por ‘Seu’ Juvêncio:

Quem não tinha terra, morava de favor. Morava com os brancos. Eles botava lá. Eles botava eles para morar, dava uma moradia a eles, botava eles para morar e prá trabalhar eles direto! Trabalhar eles direto! Nunca teve futuro. Eu mesmo trabalhei muito para outros. Trabalhei muito alugado. Eu trabalhei de 1952 para cá, eu morei com o fazendeiro aqui Antônio Zumba. Era o homem mais rico dessa região! O nome dele era Antônio Zumba. Só com ele eu trabalhei 32 anos!⁹

RIQUEZA PARA POUCOS, FOME, DESNUTRIÇÃO E MISÉRIA PARA MUITOS

Na crônica ‘Serra do Ororubá’¹⁰ publicada em 1953, o Pe. Olímpio Torres expressava sua alegria pelas chuvas do inverno que, regando a terra, enfeitava a Serra de folhas e flores, deixando-a semelhante a uma ‘rainha’ e ‘mãe’ que sempre fora. Mas o religioso, ao longo do seu texto, retomou saudosamente o passado da produção, das relações sociais e condições de vida na Serra. Para ele, não fazia muito anos, ‘a Serra do Ororubá era ainda um celeiro’ com muitos plantios de café. A Serra era um pomar: produzia café, mandioca, frutas e tanta cana, motivando até a inveja dos engenhos do litoral! Porém, tudo isso mudara no transcorrer de poucos anos. Caminhava-se ‘léguas para se ver alguns pés de café ou uma tarefa de roça. Em vez dos engenhos, taperas. Em vez do canavial, vazantes de capim. Em vez de milhares de habitantes de barriga cheia, milhares de bois, de barriga cheia’. Com as invasões violentas, qual ‘vândalos’, dos bois, foram destruídos os sítios e pomares, colocando em fuga seus habitantes. Segundo o Pe. Olímpio a era humana foi substituída pela bovina: tudo se tornara um imenso curral no final imperava o ‘invencível, senhor absoluto, Sua Majestade – o Boi’.

⁹ Juvêncio Balbino da Silva, op. cit.

¹⁰ A voz de Pesqueira, Pesqueira, 14/06/1953, p.1.

Diante da conhecida situação, o religioso comparava Pesqueira ao município de Triunfo, que, diferentemente, era ‘um oásis de fartura no Sertão’. Também situado em uma região montanhosa, Triunfo, bem menor que Pesqueira, era um município rico, isso porque cada família tinha um pedaço de terra, com centenas de engenhos, casas de farinha e considerável produção agrícola, significando fartura. Em Pesqueira, existia uma lógica inversa, a da era do boi, que provocaria, em breve, a falta de alimentos.

Os agricultores são empurrados para a ribeira estéril, se não querem ser operários na cidade. E o município, que outrora se bastava a si mesmo e ainda abastecia outros mercados, hoje é quase faminto e dentro pouco tempo estará importando até maxixe.¹¹

A ‘ribeira’ citada pelo Pe. Olímpio situava-se ao longo das margens do Rio Ipojuca que, em épocas de secas, tornava-se um filete de água, sem garantia para a sobrevivência dos moradores próximos. Aos expulsos de suas terras restava então serem operários nas fábricas de doces em Pesqueira. As terras férteis da Serra do Ororubá foram ocupadas pelas fazendas de gado ou pelo plantio de frutas destinadas à indústria doceira municipal.

Na semana seguinte, o sacerdote publicou mais um artigo invocando a necessidade da solidariedade humana, frente a uma situação de crescente miséria para muitos e riqueza de poucos, escrevendo:

O problema da Serra do Ororubá entregue aos bois, para riqueza de meia dúzia, enquanto os seus antigos agricultores definham numa miséria sempre crescente – é uma pedra de toque por onde se pode auferir do bom senso e do espírito de humanidade daqueles que falam do assunto.¹²

Os dados sobre óbitos na década de 1940 encontrados nos arquivos da Prefeitura

¹¹ Idem.

¹² ‘Ainda a Serra’. In A voz de Pesqueira, Pesqueira, 21/06/1953, p.1.

Municipal de Pesqueira, revelam uma elevada taxa de mortalidade infantil, com mortes de muitas crianças de apenas meses, ou ainda nos dois primeiros anos de vida nos “sítios” Cana Brava, São José, Santana, São Braz, Tionante e Lagoa, todos localizados na Serra do Ororubá.¹³ Estão registradas também mortes de pessoas adultas, em sua maioria com idade avançada, que, assim como as crianças, trazem sobrenomes de conhecidas famílias habitantes nessas localidades. Após ouvir o comentário sobre os dados dos óbitos infantis, ‘Dona Zenilda’ lembrou que as mortes ocorriam por desnutrição, em razão da falta de terras e melhores condições de vida:

A morte de crianças era por desnutrição. Os pais não tinham leite para as crianças. A desnutrição era grande. Os pais não tinham dinheiro para comprar leite ao fazendeiro. Muitas crianças morriam por desnutrição. Nos meses de maio e junho por causa da frieza. Muitas nasciam já desnutridas por falta de alimentação das mães grávidas.¹⁴

A entrevistada recordou também as difíceis condições de saúde e que as próprias famílias providenciavam os sepultamentos das crianças. Os caixões eram feitos com tábuas disponíveis nas ‘bodegas’ locais. Em Cana Brava, existia um especialista em fazer caixões para as crianças que morriam:

Os pais faziam os caixãozinhos de tábuas de caixas de sabão que vendiam nas vendas. ‘Seu’ Tibúrcio em Cana Brava era o fazedor de caixões dos ‘anjinhos!’. Não havia estradas dos sítios para Pesqueira, o acesso a médicos era difícil. As parteiras faziam o que podiam. Muitas crianças nasciam e morriam em seguida.

Em suas memórias, outros entrevistados falaram em períodos difíceis. Com as precárias condições de vida e devido à fome, ocorria à mortandade de crianças, como lembrou ‘Dona Lica’:

¹³ Livro de Registro de Enterramentos, 1913-1916, Livro 48, L. 1 de 1914. Arquivo da Prefeitura Municipal de Pesqueira.

¹⁴ Zenilda M^a de Araújo, ‘Dona Zenilda’, 55 anos. Aldeia Santana, Serra do Ororubá, Pesqueira/PE, em 04/07/05.

morreram sete. Não tinha assistência médica. Morria muita criança de fome. Morria as crianças porque dava farinha para as crianças comer, com papa d'água. A mãe dele (o marido) contava que ele foi criado com batata. Nascia muitos gêmeos. Criava com pano, minha sogra, a mãe dele, contou que criou dois com a saia dela. Não tinha o que comer, ela ia arrancar batata e fazia o mingau. Ela disse que ia nas matas, a mãe de Brivaldo, muitas vezes ia na mata, tirava muncunã* lavava em nove águas, se errasse morria.¹⁵

Outro entrevistado, nascido e sempre morador em Cana Brava, lembrou também da falta de assistência médica e da fome, que provocava os óbitos de crianças:

Aqui passava muita fome, nessas épocas! Que não tinha ajuda, não tinha ajuda de nada! Não tinha ajuda de nada, de jeito nenhum! Não tinha terra de jeito nenhum, não tinha nada. Muitas crianças morriam na minha época. Hoje melhorou muito. Morria de doenças. Hoje melhorou muito! Porque antigamente aqui não tinha médico. Não existia médico. Morria de fome também. Morria desnutrido, de fome, porque não tinha de quê.¹⁶

As difíceis condições de vida na Serra do Ororubá eram semelhantes para a população pobre na cidade. Possivelmente, pelo fato de muitos índios moradores na Serra, enxotados pelos fazendeiros, migrarem para a área urbana de Pesqueira, agravando a situação social. No semanário local, um colunista bradava providências policiais contra a prática nociva da mendicância, pois pedintes de esmolas perturbavam as portas das casas, desde bem cedo até próximo à hora do recolhimento das famílias. Acusava o colunista que, mesmo com as chuvas, que possibilitariam trabalho para todos, os mendigos profissionais atuavam. Eram muitas crianças, algumas bem pequenas, incentivadas pelos seus pais a esmolarem.

* Raiz tóxica, mas comestível se devidamente preparada..

¹⁵ Maria Alves Feitosa de Araújo, 'Dona Lica', op. cit.

¹⁶ Juvêncio Balbino da Silva, op. cit.

Para o cronista, a solução enérgica seria a prisão daquela gente vadia¹⁷. Tratava-se de uma visão, no mínimo, equivocada, pois os depoimentos revelaram que não existia disponibilidade de terras para o trabalho, uma vez que estas estavam sob o domínio dos fazendeiros.

Um outro olhar sobre o que se passava é encontrado em um artigo¹⁸ do Pe. Olímpio Torres, publicado dias depois, no mesmo jornal. Discutia o sacerdote a diminuição da produção de alimentos e o elevado custo de vida que se refletiam na feira de Pesqueira. Os preços eram temas de conversas públicas causando revolta e questionamentos sobre os responsáveis por aquela situação. Os agricultores eram acusados pelo alto preço da farinha. Porém, escrevia o religioso que os agricultores ‘Não plantaram mandioca dentro das plantações de tomate e por isso a farinha subiu. Eles não fizeram nenhuma roça de milho e feijão no lombo de cada boi que pasta na Serra – e por isso o povo passa fome’¹⁹. A mendicância, que tanto incomodava os moradores urbanos em Pesqueira, resultava da falta de fornecimento de gêneros alimentícios, outrora produzidos pelos agricultores índios na Serra do Ororubá, invadida pelas fazendas de gado e pelos plantios de tomate, que resultou na expulsão de seus moradores, produzindo mendigos para nas ruas da cidade.

Diante da situação de miséria generalizada o poder municipal determinou o recolhimento, à Delegacia de Pesqueira, e posterior devolução aos pais, de ‘vários meninos de 5 a 12 anos de idade, que andavam a perambular pelas ruas, mendigando de porta em porta’²⁰. A iniciativa, considerada pelo jornal como uma medida acertada, cumpria ordens do juiz municipal que determinara enérgicas advertências aos pais, embora como registra o jornal, ocorreram protestos e algumas reações sociais, por se tratarem de crianças menores mantidas na delegacia.

Vários artigos publicados nos jornais registram um debate sobre as fazendas de gado que invadiram a Serra do Ororubá, expulsando seus antigos moradores, os índios agricultores que abasteciam com sua produção a cidade de Pesqueira, ocasionando

¹⁷ ‘Notas soltas’. In, A voz de Pesqueira, Pesqueira, 21/06/1953, p.1.

¹⁸ ‘Feira’. In, A voz de Pesqueira, Pesqueira, 28/06/1953, p.1.

¹⁹ Idem.

²⁰ ‘Medida acertada’. In, A voz de Pesqueira, Pesqueira, 5/07/1953, p.1.

assim a falta de alimentos, a elevação do custo de vida e, sobretudo, a mendicância nas ruas da cidade, era uma discussão sobre a nova ordem socioeconômica, na qual o gado ocupava o lugar central. Não se tratava simplesmente de uma discussão do confronto lavoura *versus* pecuária, como afirmavam alguns. Era um debate sobre uma situação bem mais grave, que envolvia os motivos dos conflitos e a expropriação secular dos índios de suas terras.

O estudo de um geógrafo em 1956, ainda que não faça nenhuma referência aos índios habitantes na Serra do Ororubá, descrevia a localidade como uma região de solo arenoso e pedras com clima semi-árido e também semi-úmido, onde, durante boa parte do ano, predominava a seca. O gado dividia o espaço com lavouras e plantações de tomate:

O pardo triste da vegetação então despida de folhas e o aspecto agoniado das cetáceas põem em destaque o viço lustroso das cercas vivas dos aveloses que cumprem, entre outras utilidades, a função de separar as áreas do criatório extensivo, em campo aberto, dos tratos de terras cultiváveis, enquanto que apenas aqui e ali, em locais aparentemente escolhidos a dedo, algumas raras unidades arbóreas, também sempre verdes, espalmam suas frondes proporcionando o bem-estar de uma sombra. Paisagem esta ainda mais desoladora posta em comparação com a outra, a da época das chuvas miúdas, quando as caatingas reverdecem e florescem em todo “Seu” esplendor, permitindo a colheita de frutos silvestres, a engorda do gado e o trabalho agrícola nos roçados e nas plantações de tomate (SETTE, 1956, p.8)

Os citados roçados possivelmente eram os sítios, pequenas glebas de terras espremidas entre as áreas de criação das fazendas, que permaneciam nas mãos de umas poucas famílias indígenas. O mesmo estudo apontava o desmatamento recente das matas existentes nos brejos úmidos característicos da Serra. Restavam insignificantes ‘retalhos de matas testemunhos’, pois as matas de outrora continuavam a ser substituídas por cafezais, plantações de goiabeiras, bananeiras e outras frutas. (SETTE, 1956, p.12). Produção essa destinada às fábricas de doces em Pesqueira. As matas eram derrubadas também para abastecer de lenha

as locomotivas do trem que ligava Pesqueira ao Recife, ‘as fornalhas das fábricas de doces, os fornos de padaria e fogões domésticos’ (SETTE, 1956, p.8). Ocorria, portanto, a destruição do patrimônio natural da Serra, para atender as exigências da lógica econômica em vigor.

A partir dessa lógica, a Serra fora toda ocupada. Nas localidades mais úmidas predominava a criação do gado de corte e o destinado à produção de leite. Nos sopés da Serra, mais próximos da cidade, constatava-se a ‘*plantation*’ do tomate destinado à indústria, ‘enxotando cada vez mais para longe os roçados de subsistência ou mesmo reduzindo as áreas de criação’ (SETTE, 1956, p.14).

O combustível utilizado pelas fábricas eram madeiras trazidas da Serra. A lenha utilizada na indústria provocava: ‘A destruição do revestimento vegetal primitivo. As matas do Ororubá e as caatingas altas dentro de uma área de enorme raio acham-se praticamente desaparecidas’ (SETTE, 1956, p.89). O desmatamento acelerado, além de influir nas condições do solo na região, prejudicava desde os pequenos agricultores aos fazendeiros, comprometia até a própria indústria:

Também a devastação das matas para exploração da lenha, como já ficou assinalado, não só modifica a paisagem física, mas igualmente altera e dificulta as possibilidades agro-pecuárias dos fazendeiros e pequenos plantadores, devido ao aceleramento dos processos de erosão dos solos no alto da Serra e ao rápido escoamento e evaporação das águas no pediplano (SETTE, 1956, p.92)

Para o geógrafo, a criação de gado era também a grande responsável pela degradação na Serra, pois existia ‘o costume, aliás, já antigo de alguns criadores em soltar os seus gados dentro das mangas de refrigérios nos brejos úmidos da Ororubá’ (SETTE, 1956, p.93). Esses espaços citados pelo estudioso eram locais de clima ameno e irrigados por riachos e fontes de água, onde se concentravam as roças dos pequenos agricultores, os índios cujas terras eram invadidas pelo gado, principalmente nas épocas de longas estiagens.

Como escrevera o Pe. Olímpio e aparece registrado em artigos em um dos jornais local, ocorria à alta do custo de vida, a fome e a miséria generalizada em Pesqueira.

Uma lógica econômica baseada na criação de gado ou na agroindústria substituiria a produção de alimentos, expulsara a maioria e confinara alguns de seus produtores, os pequenos agricultores, os índios moradores na Serra do Ororubá. Um número considerável deles foi forçado a abandonar seus antigos locais de moradia e se concentrar na periferia da cidade, ou migraram para a Zona da Mata em busca de trabalho na lavoura canavieira, ou ainda para trabalhar nas plantações de algodão no Sertão da Paraíba. Outros passaram à condição de mão-de-obra para as fábricas trabalhando como operários.

A situação de penúria em razão das invasões das terras indígenas na Serra do Ororubá pelos fazendeiros perdurou por muitos anos. Índios arrendavam suas próprias terras, em mãos dos fazendeiros, para trabalharem. A grande maioria, porém, recebiam míseros pagamentos como trabalhadores para os invasores. Tal situação mudou a partir dos anos 1980, quando liderados pelo Cacique Xicão, os Xukuru estimulados pela participação nas mobilizações da Assembléia Nacional Constituinte que reconheceu e fixou os direitos indígenas na Constituição aprovada em 1988, iniciaram a retomada dos seus territórios. Para impedir a organização e mobilização indígena os fazendeiros planejaram o brutal assassinato do Cacique Xicão ocorrido em 1998. Apesar dos assassinatos posteriores de outras lideranças como Xico Quelé, das perseguições e ameaças, os Xukuru tiveram suas terras homologadas pelo Governo Federal, em 2001.

A população Xukuru é contabilizada, segundo os próprios índios, em 10.000 indivíduos, que habitam 24 aldeias espalhadas pela Serra do Ororubá e com cerca de 200 famílias indígenas concentradas em três bairros, na periferia da Cidade de Pesqueira, além de outras famílias que moram nas demais áreas urbanas da mesma cidade. Atualmente Cerca de 95% do território demarcado está nas mãos dos Xukuru, restando ainda ao poder público, indenizar, segundo a lei, as benfeitorias de pequenos posseiros invasores das terras indígenas. Apesar da degradação ambiental pelo mau uso dos recursos naturais pelos invasores ao longo de anos, a demarcação foi a concretização do sonho tão esperado, que vem possibilitando a fartura, o vicejar da vida, a dignidade. Produtos agrícolas orgânicos, trazidos por índios de algumas aldeias na Serra do Ororubá e que são vendidos em uma feira semanal no centro de Pesqueira, são representativos de uma nova etapa na história do povo Xukuru.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. A terra e o homem no Nordeste. 4ª ed. São Paulo, LECH, 1980.

GALVÃO, Sebastião de Vasconcellos. Diccionario chorographico, histórico e estatístico de Pernambuco. Rio de Janeiro, 1908.

HONORATO, Manoel da Costa. Dicionário topográfico, estatístico e histórico de Pernambuco. 2ª ed. Recife, Secretaria de Educação e Cultura, 1976.

MELO, Mário Lacerda de. Os Agrestes. Recife, SUDENE, 1980.

SETTE, Hilton. Pesqueira: aspectos de sua Geografia Urbana e de suas interrelações regionais. Tese de concurso para provimento efetivo da cadeira de Geografia do Brasil do Colégio Estadual de Pernambuco. Recife, 1956.

SOBRINHO, Vasconcelos. As regiões naturais do Nordeste, o meio e a civilização. Recife, Condepe, 2005.